

RESENHA

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *As relações perigosas: Brasil - Estado Unidos (De Collor a Lula, 1990-2004)*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Brasil e Estados Unidos: uma reflexão sobre política exterior

Meire Mathias*

A contemporaneidade de um trabalho pode ser atribuída à riqueza e qualidade das informações oferecidas, na abrangência de acontecimentos recentes, bem como na atualização e disponibilidade de documentos e identificação de arquivos. Contudo, a chave de permanência nesta categoria, ou melhor, de estar entre os estudos referenciais para a compreensão do momento atual, seguramente, é acionada pela propriedade da análise e considerações a cerca do sentido do processo histórico-social. O título *As Relações Perigosas: Brasil - Estados Unidos (De Collor a Lula, 1990-2004)* reúne não somente os primeiros requisitos, como também se distingue pela apreciação das relações internacionais do Brasil, particularmente com os Estados Unidos, a partir dos anos 90.

Logo na Introdução, feito um breve resgate histórico em que aparecem marcações quanto à defesa dos interesses nacionais por parte do Brasil

e dos Estados Unidos, Moniz Bandeira, apresenta uma de suas premissas quanto ao estabelecimento das “relações perigosas”, visto que, a despeito da assimetria entre as duas maiores economias do hemisfério, as relações competitivas foram determinadas tanto por fatores geográficos, quanto históricos. Nesse sentido, de parte a parte, o tratamento dos temas da agenda exterior, como o Mercosul, o Nafta, a Alca, o Conselho de Segurança da ONU, as Forças Armadas americanas na Amazônia e suas bases na América Latina, os militares brasileiros, entre outros, acabaram por determinar interesses específicos que influenciaram a tomada de decisões quanto ao acirramento dos conflitos e o imperativo da cooperação.

Neste ano 2012, a reflexão em torno das relações hemisféricas ganha maior complexidade. Destaca-se a eleição presidencial nos Estados Unidos; a possível consolidação da Venezuela no Mercosul; a atuação da União das



Nações Sul-Americanas (UNASUL) mediante as crises que atingem as economias dos Estados Unidos e da Europa através do recém criado Conselho Sul-Americano de Economia e Finanças; e a Comunidade dos Estados Latinoamericanos e Caribenhos (CELAC) como um novo mecanismo de concertação política e integração, que abriga os trinta e três países da América do Sul, América Central e Caribe. Por essa razão, os estudos de política e relações internacionais não devem ignorar os aspectos referentes às diversidades, desigualdades e antagonismos constitutivos da realidade latino-americana e suas relações com os Estados Unidos porque, deste prisma, pode-se aprimorar a compreensão da estrutura de poder no sistema internacional.

A leitura de *Relações Perigosas: Brasil - Estados Unidos* oferece tanto pistas, quanto estabelece nexos, que permitem identificar na história recente as raízes desse conjunto de processos. De um lado, temos a política externa brasileira, desde o Governo Collor até começo do Governo Lula, de outro lado, temos a política externa estadunidense nos governos de George H. W. Bush, Bill Clinton e George W. Bush; contudo, essa interface da abordagem proporciona a identificação de elementos constitutivos da política exterior de um país, notadamente quanto às mudanças e continuidades de suas diretrizes. Nesse sentido, ao longo dos capítulos, deparamo-nos com acontecimentos que influenciaram a orientação da política exterior de ambos

os países e, ao mesmo tempo, fizeram com que entrassem em cena outros atores estatais e não estatais. Trata-se das questões de monitoramento de fronteiras, combate ao narcotráfico na América do Sul e o Plano Colômbia, interesses e posicionamentos sobre a reforma do Conselho de Segurança da ONU, a guerra contra o Iraque e a direção-geral da “Organisation for the Prohibition of Chemical Weapons” (OPCW), a negociação da ALCA light, terrorismo no Cone Sul, entre outros.

Por fim, do ponto de vista do conhecimento, o estudo demonstra que as relações internacionais permanecem fortemente balizadas pela lógica geopolítica e pelo eixo geoeconômico. A análise corrobora para um entendimento: na abordagem do sistema interestatal do pós-Guerra Fria, é inadmissível separar as mudanças ocorridas na economia mundial, das decisões políticas tomadas pelos países centrais do sistema capitalista. Adicionalmente, na observação do sistema internacional contemporâneo, verifica-se que os países não hegemônicos, como o Brasil, podem ocupar posições de maior ou menor relevo no campo econômico, referente à realidade da interdependência assimétrica, todavia, ainda ocupam uma posição relativa na hierarquia de poder entre as nações. Esse entendimento, demonstrado por Moniz Bandeira, serve de base para melhor apreender a realidade internacional e, em perspectiva, forjar alternativas a esta.

* **MEIRE MATHIAS** é Doutora em Ciência Política pela Unicamp, docente no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá (UEM).